



Ano 2 | # 07 | edição bimestral | janeiro a abril de 2010

Revista editada pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – Intercom

Juremir Machado da Silva: sarcástico analista do jornalismo provinciano

Adriano de Almeida Gadbem¹

Resumo

Juremir Machado da Silva é jornalista, escritor, historiador, professor e pesquisador. Integrante do pensamento consolidador e participante da geração inovadora possui um currículo vasto de atuação na área do jornalismo e acadêmica. Profissional de grande personalidade atua como coordenador do curso de pós-graduação em comunicação da PUC-RS e pesquisador em comunicação do CNPq. Sob a orientação dos pensamentos jornalísticos estudados durante o desenvolvimento da disciplina Processos Comunicacionais - Tópicos de Pesquisa, este texto pretende contribuir com o histórico de vida sobre o autor em questão, através de sua biografia de vida, apresentação de obras e análise individual do livro Getúlio (2004).

Palavras-chave: Juremir, jornalista, imaginário, Getúlio (2004).

¹Publicitário, aluno regular do Programa de Pós-Graduação em Mestrado da UMESP – Universidade Metodista de São Paulo, disciplina de Processos Comunicacionais - Tópicos de Pesquisa, ministrada pelo professor Dr. José Marques de Melo. Bolsista do CNPq.

Introdução

Escritor, jornalista, historiador, sociólogo, professor, pensador e pesquisador de comunicação. Registrado com o nome de Juremir Machado da Silva o personagem em questão nasceu em Palomas, pequena vila, da cidade gaúcha de Santa do Livramento.

Em 1984 graduou-se em História e Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) e a partir daí trilhou um caminho de sucesso, sem dúvida nenhuma, com muitos obstáculos, mas sempre com muita dedicação e amor em todas as atividades realizadas.

Fez mestrado, doutorado, escreveu muitos livros, muitos artigos, trabalhou em jornais, foi correspondente internacional e, hoje, atua como professor e coordenador de pós-graduação.

Como escritor Juremir sempre gostou muito de estudar o imaginário. Álvaro Laranjeira o define como um artesão das redes do imaginário (HOHLFELDT; GOBBI, 2004, p. 334). Há um embrulho de ideias e argumentos que compõem a alma e o corpo do imaginário.

O imaginário é um reservatório/motor. Reservatório agrega imagens, sentimentos, lembranças, experiências, visões do real que realizam o imaginado, leituras da vida e, através de um mecanismo individual/grupal, sedimenta um modo de ver, de ser, de agir, de sentir e de aspirar ao estar no mundo. O imaginário é uma distorção involuntária do vivido que se cristaliza como marca individual ou grupal. Diferente do imaginado – projeção irreal que poderá se tornar real -, o imaginário emana do real, estrutura-se como ideal e retorna ao real como elemento propulsor. (HOHLFELDT; GOBBI, 2004, p. 334)

São várias obras. Em 1991 publicou os três primeiros livros “Muito Além da Liberdade”, “A Miséria do Cotidiano” e “A Noite dos Cabarés”. Nestes livros usou linguagens onde falava das pobreza e riquezas humanas, usando uma leitura da pós-modernidade; Em 1993 lança “O pensamento do fim do século – entrevistas” e “A prisioneira do Castelinho do Alto do Bronze” – romance-reportagem. Em 1995 lança “Cai a noite sobre Palomas” – romance. Em 1996, “Anjos da perdição – futuro e presente na cultura brasileira”. Em 1997, “Viagem ao extremo sul da solidão”. Em 1998 lança “Visões de uma certa Europa – crônicas e entrevistas”. Em 1999 cria “Fronteiras”

– romance e “Anjos da Perdição” traduzido do francês Brésil, Pays Du Present. Em 2000 lança “Amnésia do jornalismo Brasileiro – as (in) certezas da mídia” – ensaio e “A miséria do jornalismo brasileiro”. Em 2003, o ensaio “As tecnologias do Imaginário” e as três novelas “Nau Frágil”, “Ela nem me disse adeus” e “Adiós Baby”. Em 2004, “Getúlio”. Traduziu obras de Jean Baudrillard “Power Inferno” e “Tela Total: mitonias da era do virtual e da imagem”, Michel Maffesoli “A transfiguração do político” e “O mistério da conjunção: ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade” e Edgar Morin “O Método 3: o conhecimento do conhecimento”; “O Método 4: as ideias – habitat, vida e costumes”; “O Método 5: a humanidade da humanidade: identidade humana” e “O Método 6: a ética”.

Ufa! Juremir também atuou e atua na área acadêmica. Foi reprovado em sua primeira banca de mestrado. Intitulado de arrogante e pretensioso sua dissertação não foi aceita pelos componentes da avaliação. Não contente Juremir persistiu até que em 1992, sob orientação de Maffesoli, defendeu “Os destinos da utopia brasileira e a morte do projeto nacional e Da Modernidade: os cotidianos e os meios de comunicação de massa na construção de um imaginário pós-utopia”. Um conteúdo sintético para nortear seu doutorado.

Em 1995 defendeu a tese “Anjos da Perdição – futuro e presente na cultura brasileira” na Universidade René Descartes, Paris V recebendo nota máxima com louvor por uma banca composta por Maffesoli, Morin e Duvignaud. Nela Juremir destrói o mito de que o Brasil é o país do futuro reiterando a ideia de que foi um conceito adotado pela mídia.

Em 1998 realizou seu pós-doutorado sob supervisão de Edgar Morin, Jean Baudrillard e Michel Maffesoli.

Na construção de seu doutorado em Paris Juremir também foi colunista do Jornal Zero Hora, do Rio Grande do Sul, onde escreveu até 2004.

Hoje, Juremir atua como coordenador do curso de pós-graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e é pesquisador 1B do CNPq (Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento) sendo representante da área da Comunicação do CNPq de 2006 a 2009. Foi também vice-presidente da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós) de 2003 a 2005.

Integra os conselhos editoriais das revistas Galáxia, Sociétés (Paris), Famecos (Porto Alegre), Communicare (SãoPaulo) e Hermès (Paris).

Polêmico, certas vezes, Juremir indaga a competência e a finalidade da mídia, especificamente, o jornalismo. Com expressões fortes analisa o papel do jornalismo e sua mediocridade no contexto midiático.

Este é Juremir Machado. Jornalista, escritor que discute com precisão o imaginário. Afinal ele é também conhecido como o “artesão das redes do imaginário”.

Polêmico?

Juremir possui um perfil forte. Será ele um profissional jornalista e historiador, escritor polêmico ou é de fato uma personalidade que apresenta outro ponto de vista sobre certos assuntos?

Com anos de experiência no mercado profissional e acadêmico Juremir participou de muitos projetos em início de carreira.

Cheguei aos 45 anos de idade. São 20 anos de jornalismo profissional e 25 anos de todo tipo de jornalismo bem ou mal pago, com uma ligeira tendência para o último. Aventura que começou em O Malcriado, junto com Telmo Flor e Ricardo Carle, passou pela Folha de Viamão, com Ruvana de Carli, a dona do jornal, Telmo Flor e Ricardo Carle, e teve como momento de apogeu, nessa primeira fase desbravadora e cheia de esperanças, The Porto Alegre Times, com Ciro Silveira Martins, Ronaldo Fuchs e, como sempre, meu saudoso e irreverente amigo Ricardo Carle. Foram momentos intensos e rápidos como certos orgasmos adolescentes. O Malcriado durou dois números. A Folha de Viamão deve ter ido bem mais longe, talvez uns 12. The Porto Alegre Times não deve ter passado de seis edições (SILVA, 2007)

Sempre apresentado como um polemista do futuro Juremir divide sua carreira profissional em três etapas. Correspondente do Zero Hora no exterior teve a oportunidade de viajar e conhecer muitos países com culturas e costumes diferentes. Muito dedicado em suas atividades profissionais teve a oportunidade de cobrir grandes fatos na Europa e esteve em grandes coberturas com aspectos e interesses mundiais.

Na etapa profissional, passei por três categorias. A primeira, lisonjeira e enganadora, foi a de promessa. Eu era apresentado como um polemista de futuro. Cada vez que um chefe dizia isso eu inflava o peito de orgulho e aceitava que o meu aumento de salário ficasse para alguns anos depois. Foi uma época feliz vivida na redação de Zero Hora. Na tentativa de passar de promessa à realidade, pedi demissão e fui morar em Paris. Em 1993, Augusto Nunes me contratou como

correspondente na Europa e pude, enfim, ganhar melhor e viajar muito. Cobri a morte de Ayrton Senna na Itália, sete festivais de cinema entre Cannes, Berlim e Veneza, Feira do Livro de Frankfurt, vôlei na Itália e na Grécia, salão de automóvel na Suíça, uma quase viagem de Itamar Franco a Portugal, aventuras e desventuras de Ronaldinho, que ainda não era fenômeno, na Holanda, o velório de Grande Otelo no aeroporto Charles de Gaulle e, como colunista, fiz uma viagem por onze países escrevendo as minhas impressões para a página “Essas palavras”. (SILVA, 2007)

Juremir possui também o rótulo de ser inimigo do “clã Veríssimo”. Como ele se define “Deixou de ser polemista para ser polêmico”. Saiu da redação do jornal gaúcho após um pedido de retratação feito por Luis Fernando Veríssimo. Boa parte dos seus colegas assinou um manifesto em favor de Luis Fernando pedindo a retratação de Juremir do chamado “ataque de inveja”. O Sindicato dos Jornalistas também atuou em prol de Veríssimo e organizou a sua “execução sumária”. Como ele próprio diz: “Já fui tarde e não deixei saudades”.

Em 1996 foi trabalhar na Revista Isto É.

Não passei no teste de São Paulo. Luciano Suassuna (conhecido em Porto Alegre como Luciano Só Assina), meu antecessor fracassado como correspondente de Zero Hora na França, assumiu como editor-chefe e pavimentou a minha rápida defenestração. Voltei aos pagos com o coração leve e nenhuma saudade da Paulicéia engarrafada. (SILVA, 2007)

Em 1998, retornou a Paris para fazer um pós-doutorado com Edgar Morin, Jean Baudrillard e Michel Maffesoli. Colaborou com a Folha de São Paulo entrevistando grandes intelectuais. Quando novamente voltou ao Brasil resolveu esquecer o jornalismo.

Assim, sem muitas pretensões na área, em 2000, foi “resgatado” pelo seu velho amigo Telmo Flor para ser colunista do Correio do Povo. Logo a seguir passou a fazer um comentário no SBT Rio Grande, apresentado por Cristiane Finger. Começou também a participar do programa “Guerrilheiros da Notícia”, de Alcaraz Gomes, na Rádio e na TV Guaíba.

Apresenta o programa de entrevistas Livro Aberto na UNITV, canal 15 da Net, e na mesma emissora universitária participa do programa de debates “Argumento contra Argumento”, ao lado de Cristiane Finger e Cláudio Mércio.

Na terceira fase ele se intitula “meio profissional, meio amador”. Possui um novo apelido. Está sendo chamado de “amigo de Diogo Mainardi”.

Declaro-me honrado. Afinal, Diogo é maravilhoso e famoso. Se não consegue derrubar o presidente, ao menos faz ministros mesmo sem querer. Eu nunca derrubei sequer um secretário nem fiz um aspone que fosse. Sem dúvida, passar de inimigo de Verissimo a amigo de Diogo Mainardi é um grande progresso. (SILVA, 2007)

Juremir possui vários rótulos. Também é grande a áurea de especulações sobre sua pessoa e sobre sua personalidade. Na verdade, Juremir demonstra ter uma opinião formada, pessoal, intransferível sobre certos assuntos. É como mesmo ele define: “Continuo, porém, alimentando uma ambição arrogante: ser Juremir Machado da Silva. Apenas.”

Getúlio (2004)

É classificado como membro da geração inovadora do jornalismo brasileiro e do pensamento consolidador. Pensamento este que viabiliza o jornalismo brasileiro como fruto dos seus hábitos e costumes nacionais.

O pensamento consolidador tem em Juremir a figura da crítica de que o jornalismo faz parte do mercado da mídia.

Partindo do princípio de que “o mercado não é necessariamente um monstro” e de que “a democracia baseia-se na dúvida”, Juremir concentra sua metralhadora giratória nos dois pólos da nossa vanguarda jornalística: o “esquerdista ilustrado” e “o idiota tecnológico”. Concebendo a mídia como sistema convertido em engrenagem, constituindo uma “máquina capaz de girar por conta própria”, ele vaticina: “a grande imprensa desliza do shopping de elite para o mercado público, o que escandaliza o elitismo esquerdista e confirma o populismo mercadológico”. (MELO, 2007, p. 31)

Juremir, além de tudo, também é escritor-historiador. E aí nascem obras clássicas e de grande importância histórica. Obras como Getúlio, lançado pela Editora Record, no ano de 2004.

Em três anos de pesquisa e entrevistas com pessoas direta, ou indiretamente, sobre a morte de Getúlio, em 24 de agosto de 1954, Juremir Machado mostra Vargas na intimidade e na solidão do poder.

Fatos descrevem que Juremir possui grande simpatia pelo personagem biografado. E isto não compromete o resultado final de "Getúlio". No cinquentenário de sua morte (1954-2004), o ex-presidente ganha uma grande biografia, onde o sorrateiro, frio, calculista e carismático "pai dos pobres", como assim era chamado, cede lugar ao homem de carne e osso: estancieiro, amante apaixonado, inimigo fiel. O maior mérito da obra de Juremir está em justamente ir além da história e construir um retrato minucioso da solidão e da intimidade do poder do ex-presidente.

Quem foi Getúlio Vargas? Um oligarca com pendores sociais, um revolucionário inesperado, um ditador cínico, um reformador social maquiavélico, um fascista tupiniquim, um homem sedento de poder e sem escrúpulos para conservá-lo, um político do seu tempo com um projeto que mudou o Brasil, um democrata que morreu para lavar a própria honra? Passados 50 anos do seu suicídio, que o tornou mito, o enigma Getúlio persiste. Os historiadores dão conta da sua época. Os sociólogos o esvaziam em conceitos prêt-à-porter. O homem continua múltiplo, sedutor, complexo, contraditório, paradoxal. Um personagem de romance, o romance da sua vida. (FICHA...,2008)

Juremir conta a vida de Getúlio através de rastros da memória, em personagens como o pistoleiro de aluguel, a Bem-Amada, o secretário pessoal, a testemunha ocular da História, a espiã alemã, o filho da vítima, os netos do presidente, ou a filha do Corvo. Todos eles fazem a obra ser intrigante, buscando a leitura através da curiosidade dos fatos. Há também a visão do autor. Juremir coloca em questão todas as tramas da história.

Eu sempre me considerei um sujeito múltiplo, paradoxal mesmo e em eterna polêmica comigo mesmo. Adoro uma frase de Rimbaud: o eu é um outro. Portanto, deixei correr nas crônicas deste livro o meu eu menos conhecido, talvez mais generoso, mais otimista, ingênuo, às vezes, mas sempre disposto a considerar todas as possibilidades da vida. Sou capaz de criticar tudo e, ao mesmo tempo, de admirar quase tudo. Sempre quis fazer um livro que escapasse da paixão das lutas e pudesse me deixar refletir sobre o cotidiano, com suas pequenas belezas, o extraordinário do ordinário, o fantástico do comum, a vida de cada dia na sua singeleza essencial. (...) Mais do que um livro de crônicas, ou seja, de um livro, de um gênero literário, é uma crônica da vida, isto é, um conteúdo que, para se mostrar, tomou uma forma, entrou num gênero, assumiu um formato, ganhou uma dimensão. (ENTREVISTA, 2008)

Classificado como Ficção Brasileira – Romance, a obra é de extrema importância para a história brasileira, por retratar a vida de um grande personagem

público nacional, ex-ditador e ex-presidente. Getúlio (2004), surge da busca incansável e da identidade como investigador de Juremir. Nasce da potencialidade do grande jornalista e do perspicaz historiador.

Conclusão

Juremir nasceu em Palomas e ganhou o mundo. Voltou as suas raízes e hoje engradece a área de comunicação brasileira sendo um dos representantes do CNPq (Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento).

Aposta que “o viver intenso depende de um ver intenso, assim como o ver profundo depende de um viver profundo” (ENTREVISTA, 2008). Acredita que a emoção e a intensidade não são sentimentos exclusivos dos grandes personagens que possuem papéis de destaque. O ser humano vive da ação e o cotidiano costuma ser o mesmo para todos. Suas narrativas são baseadas em ocasiões vivenciadas nos possíveis lugares e em possíveis ocasiões.

Juremir também se embebeda pelo reino das crônicas. Para o escritor na crônica, o importante é conseguir associar humor, ironia, ternura e estilo.

Tudo mundo está apto a entender crônica. É o gênero mais adequado para estes tempos de velocidade, de aceleração, de pressa, mesmo que inútil, e de estética televisiva e publicitária. Trata-se de um gênero que odeia academicismo, empolgação, arrogância e afetação. Enfim, é um gênero perfeito para se falar das pequenas inquietações e das grandes angústias, dos amores e das crises de idade, da dificuldade de olhar e de ver o que esconde por trás do familiar. (ENTREVISTA, 2008)

Em Getúlio (2004), o jornalista historiador testa o seu olhar sobre as passagens narradas. Mergulha sobre os temas do cotidiano. Como uma grande obra de romance testa as dúvidas e as emoções e liberta as paixões.

Neste livro, eu me permiti observar o cotidiano com os olhos do estudante de antropologia que fui um dia, coletar dados da realidade como o jornalista que ainda me habita, pensar a vida diária com os recursos da sociologia do presente que gosto de praticar e escrever sobre cada assunto com as técnicas do cronista que desejo ser. Às vezes, entra em cena o historiador que sou, o apaixonado por filosofia, o leitor de romances, o viajante, o intelectual. Mas tenho certeza de que nenhum desses “eu” se sobrepõe ao homem, ao simples homem,

ao homem simples, ao “vedor”, o observador, o flâneur, o caminhante, o curioso, o sujeito que deseja olhar, ver, entender, compreender, mais do que explicar, sentir, gozar e dividir (ENTREVISTA, 2008).

Juremir Machado da Silva, jornalista, escritor, historiador e pensador trabalha suas frases e suas reflexões para que tenham vida. Crítico do jornalismo irreal tem sua vida completa por ações e polêmicas que, no mínimo, são interessantes de acompanhar. É representante de uma grande safra de profissionais brasileiros que ajudam a escrever a história brasileira. “Então, eu penso que é possível escrever para muitos sem abrir mão de tudo.” (ENTREVISTA, 2008)

Referências bibliográficas

ENTREVISTA: Juremir Machado da Silva. **Editora Record**, São Paulo, 2008. Disponível em: < <http://www.record.com.br/entrevista.asp?entrevista=43>>. Acesso em: 24 nov. 2008

FICHA TÉCNICA. Grupo Editorial Record, São Paulo. Disponível em: < <http://www.record.com.br/detalhe.asp?tituloLivro=6305>>. Acesso em: 24 nov. 2008.

HOHLFELDT, Antônio; GOBBI, Maria Cristina. **Teoria da Comunicação**: Antologia de Pesquisadores Brasileiros. Porto Alegre: Sulina, 2004.

MELO, José Marques de Melo. Pensamento Jornalístico: a moderna tradição brasileira. **Revista Intercom**. Vol 30. N. 2. São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/rbcc/article/view/3312/3121>>. Acesso em: 24 nov. 2008

SILVA, Juremir Machado. O amigo de Diogo Mainardi. **Revista Press & Adversiting**, Porto Alegre, 2007. Disponível em: < http://www.revistapress.com.br/root/materia_detalhe.asp?mat=61>. Acesso em: 15 nov. 2008.

SILVA, Juremir Machado. Currículo Vitae. **Plataforma Lattes**, Brasília. Disponível em: < lattes.cnpq.br/2393503669129057>. Acesso em: 15 nov. 2008

SILVA, Juremir Machado. **Getúlio**. São Paulo: Record, 2004.